

PAULO FREIRE: SEU LEGADO E ENSINAMENTOS COM/POR FÁTIMA FREIRE - ENTREVISTA-DIÁLOGO COM FÁTIMA FREIRE

Esta entrevista foi realizada pela Curadoria Nacional da

Rede Café com Paulo Freire, Liana Borges¹



Resumo:

Ser uma das filhas de Paulo Freire é uma boniteza só! Claro, é tão bonito quanto desafiador, pois, como disse Fátima, ter convivido com três pais – pai biológico, pai intelectual e pai mito – contribuiu para a construção de um ambiente de constante aprendizagem. Ficou curiosa(o), leia com muita amorosidade.

Palavras-chave:

Paulo Freire. Três pais. Fátima Freire.

Maria de Fátima Freire Dowbor ou, simplesmente, **Fátima Freire**, filha de Elza Freire (1916-1986) e de Paulo Freire (1921-1997), uma entre os cinco filhos do casal, a terceira entre as três filhas.

Fátima Freire (72 anos) nasceu em Pernambuco e, atualmente, reside em Rio de Contas/Bahia. Casada com Ladislau Dowbor, tem 4 filhos e 6 netos, é pedagoga,

¹ Curadoria Nacional: Ana Paula Fraga Bolfe, Dulce Angela Salviano da Silva, Liana Borges, Priscilla Bibiano de Oliveira Mendonça e Rosalva Mazuim (Bia), sendo que a redação foi elaborada por Ana Paula, Dulce Angela, Liana e Rosalva (Bia). Liana Borges, Professora aposentada, mestre e doutora em educação, Criadora e curadora da Rede Nacional Café com Paulo Freire. lianaborges@cafecompaulofreire.com.br

filósofa, psicopedagoga, e autora do livro “Quem educa, marca o corpo do outro”, Editora Cortez, São Paulo.

No dia 14 de julho de 2021, nos reunimos virtualmente com Fátima, uma nordestina *danada*, assim como o pai, sorridente e reflexiva, que atendeu nosso convite com prontidão e generosidade. Conversamos por uma hora sobre sua relação com Paulo Freire, bem como sobre as marcas e aprendizagens construídas em uma convivência com “três pais” (pai-biológico, pai-intelectual e pai-mito), que se complementam e que dialogam fraternalmente com esta filha que segue lutando em defesa de seu legado e da Educação Pública brasileira.

1. Como era e quem era aquele pai, aquele homem? Que marcas deixaram na tua infância e na dos teus irmãos? A importância da família para Fátima.

Eu sempre parto do princípio de que as marcas e as experiências marcam de forma diferente cada corpo, já que cada um é único. Estou convencida que cada um de nós, dos cinco filhos, tivemos, à sua maneira, um pai e uma mãe diferentes.

É interessante porque você vai conversando com os irmãos e vai percebendo que a construção que você internalizou do seu pai é diferente da construção da sua irmã ou de seu irmão. Isto, às vezes, causa surpresas e dúvidas a serem discutidas, sobretudo, na irmandade.

Tive vários pais. O meu pai físico/biológico, meu pai intelectual e meu pai mito, então, “*haja pais*” para você internalizar e tentar estruturar, minimamente, um diálogo interno entre estas diferentes figuras, porque não eram as mesmas.

Ser filha dele, por um lado, é um privilégio enorme; por outro lado, me dá um peso, mas um peso consciente. Um peso, por último, gostoso, da responsabilidade que você tem, no mínimo, de estar passando adiante, tudo o que você recebeu. Acredito que somos devedores dos legados que recebemos.

A marca mais forte, mais importante, que ele me deixou foi o amor pela leitura. Repare bem, ele era um pai físico que vivia a maior parte do seu dia, “o *danado*”, estudando. É óbvio que tinham os passeios aos domingos, mas, como criança, eu internalizei que a casa deveria ser silenciosa, porque o “*paizinho*” estava estudando.

Quando você é criança inventa milhões de artimanhas, por que qual é o grande desejo infantil de qualquer um de nós? É o de ser amado, tanto pelo pai quanto pela

mãe. Então, eu comecei a imaginar uma coisa assim: tem que haver qualquer coisa de muito bom, de muito interessante nos livros e nessa biblioteca, se meu pai só fica trancado lá.

Na verdade, o que me salvou da não-presença física do pai físico foi esta internalização que eu fiz. A única e fortíssima marca que eu tenho do meu pai físico internalizada – e que foi tão grande, tão intensa e tão bonita que supriu toda e qualquer falta – eram as cantigas de ninar. Eu dormia embalada pela sua voz, cantando as músicas de Nelson Gonçalves, Sílvio Caldas e Dolores Duran.

2. *A Pedagogia do Oprimido, o exílio e o casamento – De que forma se apresenta a coerência prática/vida/família e o pensamento de Paulo Freire?*

No Chile, já adulta, vi ele escrevendo a *Pedagogia do Oprimido*. Eu estava namorando um “*cara meio louco*”, ele consertava o carro fazendo um barulho enorme ao lado da biblioteca, e meu pai continuava trabalhando. É aí que você vê a figura, a capacidade de compreensão e a empatia de se pôr no lugar do outro. Nesse sentido, ele era um pai físico. Quando decidi sair de casa para me casar com um *cara* que era mais complicado do que ele em relação à política (minha mãe preocupadíssima), lembro que meu pai me chamou para almoçar e disse: “Vá-se embora que eu seguro sua mãe”.

O que mais me impressionava e que sempre me marcou intensamente era a coerência “*do danado*”. Ele era incrivelmente coerente. Fui percebendo isso depois de mulher grande. “*Meu Deus do céu*”, como é que ele segurou tudo isso lá atrás, pois não deve ter sido fácil manter sua concepção de educação na própria família. Morávamos no Recife, uma cidade retrógrada, e ainda é um pouco. Então, pela forma como fomos educados, era seguro que tinha muita gente que dizia que a gente tinha muita liberdade.

A de pai intelectual deixou uma marca profunda, porque nós somos em cinco filhos, eu sou a terceira das mulheres e muito questionadora. Desde pequena eu questionava muito meu pai, eu o criticava, e era interessantíssimo, porque tínhamos discussões quando eu costumava dizer assim: “paizinho, eu acho que você escreve muito difícil para alguns educadores, para alguns professores te entenderem; você é um filósofo, não é fácil o entendimento da *Pedagogia do Oprimido*”.

Ao longo desses anos, já mais velha, surgiu um combinado interno entre nós. O “*danado*” me mandava o livro antes de ir para a editora, e eu “*lascava*”. Isso é um orgulho muito grande, foi uma forma de desmistificá-lo enquanto intelectual, enquanto produtor de conhecimento.

3. *Como foi elaborada a Pedagogia da Autonomia? Você acredita que Paulo Freire, ao escrever a Pedagogia da Autonomia, tinha o sentimento que era a última obra que ele escreveria para nós, educadores, pois um ano depois ele nos deixaria?*

Outra marca muito grande da minha convivência com ele, enquanto intelectual, foi ter participado da elaboração da *Pedagogia da Autonomia*. Foi muito interessante, porque uma das razões desse livro do “*paizinho*” foi justamente as conversas em que eu o criticava, quando dizia que ele precisava fazer um livro mais terra, mais chão para o professor.

Se repararem bem, a *Pedagogia da Autonomia* é totalmente diferenciada, é outro vocabulário, é ele, mas é “*ele chão, é ele terra*”. Tivemos vários encontros na minha sala, na escola, para discutirmos os diferentes conteúdos do que viria a ser a *Pedagogia da Autonomia*.

Eu não sei se essa ideia (de que seria a última obra) passava pela cabeça dele, mas “*paizinho*”, de certa forma, com os sentimentos dele, criava uma certa reserva. O que eu posso dizer é que estava muito visível para mim, enquanto filha, que ele estava introspectivo, reflexivo. O “*paizinho*”, ao longo da sua existência, foi uma pessoa com muito amor à vida. Alguma coisa estava se passando ali e isso pode ter vazado realmente para *Pedagogia da Autonomia*. Eu não creio, não sei, não imagino se ele tinha tanta clareza, mas o que me alegra muito é esse comentário sobre a obra poder se chamar *Pedagogia da Despedida* (atribuído por Isabela Camini). Eu nunca tinha pensado nisso!

4. *Ainda sobre a Pedagogia da Autonomia e seu legado no contexto do século XXI, como você hoje revisitaria a obra?*

Ele era de uma concepção de justiça muito grande. Então, quando acabamos, ele me ligou e disse: “Minha filha, a pessoa mais indicada para escrever o prefácio deste livro é você, pela cooperação e pela construção”. E aí vieram as coisas do destino, do momento de vida de cada um. Quem disse que “*aguentei a barra*”! Não

segurei, e ele, belissimamente, entendeu que eu não estava pronta. É interessante que o único livro que eu escrevi, até então, era o prefácio da “Autonomia” que eu não fiz, que é “Quem educa marca o corpo do outro”.

O pai intelectual me deixou marcas muito fortes no sentido da minha formação, da minha forma de aprender e de estar no mundo. O que eu mais aprendi com ele foi respeitar os meus próprios limites. Isso é um desafio muito grande. Um pai e uma mãe têm de ter muita coragem de não viver o problema ou desafio pelo filho ou pela filha, mas estar próximos deles. É o que eu tento fazer com os meus filhos, mas é muito difícil, foi um aprendizado e um legado fantástico.

Se fosse possível mexer no texto, no sentido de atualizá-lo, eu não mudaria nada, mas acrescentaria os desafios atuais – como você pode e deve trabalhar na educação com as tecnologias sem ser tecnicista. Eu agregaria um capítulo que seria interessantíssimo e, se ele estivesse vivo, o “*danado*” estaria pensando sobre isso, que seria: “como eu construo vínculos via *online*”, ou seja, como eu posso manter e marcar a minha presença enquanto lugar de referência para aquele a quem educo, através das tecnologias (*online*).

Outro aspecto que eu penso estar em pauta com essa mudança, com essa atuação *online*, é a qualidade no vincular-se ao outro. Muitos de nós, ingenuamente, acreditávamos que só a presença física bastava para construir o vínculo com o aluno. Muitos de nós, educadores, por termos sido educados da forma que fomos, temos uma intensa dificuldade de estarmos presentes, de estar com o outro.

Hoje, o que mais me preocupa enquanto educadora é que quem mais está por dentro desses conteúdos são os professores e não estão sendo escutados. Quem tem a vivência realmente dessas situações de aula online são eles e são raríssimas as escolas que estão apoiando com a formação tecnológica. Logo não existia essa competência para lidar com a tecnologia, como também com imprevistos, e, exatamente somos nós, professores, que lidamos com as circunstâncias inéditas todos os dias e que nesse momento de pandemia estamos sendo mais exigidos em lidar com o inédito e o não previsto.

5. *Fátima, partindo dessa sua visão sobre o “pai intelectual” e esta filha mais questionadora, como foi a convivência entre vocês dois quando dizias a ele que seu texto era de difícil compreensão?*

Vocês estão me dando mais uma chance de constatar e publicizar a coerência do “danado”, entendeu? Ele era tão inteiro nas coisas dele, mas, óbvio, que o primeiro impacto era de não-aceitação. Como ele se trabalhava muito e era uma figura que tinha uma capacidade enorme de escuta e de diálogo, reconhecia e dava um salto, e isso para mim é que é o fundamental. Agora, o aprendizado maior é ele reconhecer que eu o questionava, porque me ensinou assim, ou seja, isso para mim era a maior riqueza da constatação da forma como nos educou. O primeiro movimento era de “óhh”, pára, vamos ver bem, por que você está falando isso? Onde está se apoiando para dizer isso? Como é que você está avaliando? Então é muito rico, quando você tem um referencial educacional que te dá essa possibilidade de ser aceita em algumas coisas. O contrário também era verdadeiro, quando ele considerava que não tinha nada a ver com a história, “ôxente”, ele pegava “pesado”.

Um dos maiores desafios dele era manter a coerência. E sobre isso eu aprendi muito com ele, já que a maior boniteza do ser humano é, justamente, entrar em contato com as suas incoerências. Somos todos incoerentes, mas não queremos ver.

6. Voltando um pouco no tempo, quais são as lembranças do período do exílio? Qual o papel da Elza na formação do pensamento de Paulo Freire?

No exílio, como pai físico e ser humano, uma das marcas mais fortes que ficou no meu corpo é dele nunca ter se deixado levar pelo saudosismo, pela melancolia. Às vezes ele sentia a falta de sol. Era terrível. Aí ele dizia: “Elzinha, cadê o sol? E a minha mãe, que era uma mulher fantástica, incrível, respondia: Ôxente, Paulo! Você não está vendo, ele está dentro de você, vamos lá!” Ou seja, reanimava ele.

No exílio, ele foi segurado por ela, na verdade todos nós fomos. Ela seguiu a família com otimismo, com a força e com a capacidade organizacional, de visão, de projetar o futuro, de uma possível volta ao Brasil que alimentou a todos. Então, sem a presença dela ele teria sucumbido, eu acho que ele não teria segurado “numa boa”. Não é só em relação ao cotidiano da família, mas, sobretudo, em relação a própria metodologia dele, que não existiria sem a capacidade prática dela.

Foi um dos casamentos mais belos que já presenciei, não só no sentido humano, de homem e mulher, de complementação, mas no sentido intelectual. A capacidade reflexiva e dialógica do meu pai era fenomenal, fora do sério. O “danado” discursava duas, três horas sobre uma palavra. Era incrível, e, ao mesmo

tempo, ele tinha uma extrema dificuldade de ser prático, de transformar em algo que mobilizasse, e esse era o poder da minha mãe.

A minha mãe era de uma absurda capacidade de concretizar ideias e ações, uma excelente educadora, uma alfabetizadora de mão cheia, que deu para ele toda a parte prática e metodológica da alfabetização. Ele, com a capacidade criativa e reflexiva, emoldurou, mas sem ela, o “*paizinho*” não teria construído, de jeito nenhum. E ele sabia disso, tanto sabia, que falava da “*mãezinha*” em todo o lugar, porque sabia tudo o que recebia e, óbvio, também o que dava.

7. *Que lembrança tens do pai-gestor da Educação de São Paulo, no governo de Luiza Erundina (1989/1991)?*

Na minha avaliação, posso estar equivocada, acho que ele foi de uma coragem fantástica ao ter assumido a Secretaria de Educação de São Paulo, no governo Luiza Erundina, porque o perfil do “*paizinho*” não era nada prático em experiência de gestão, nunca foi. Minha mãe era, ele não, mas a minha mãe já estava morta.

Ele foi de uma coragem sobrenatural. Era um homem corajoso e muito coerente com os desejos políticos e a filosofia dele. Então, jamais poderia não ter aceitado o convite. Na minha leitura, não era o perfil dele porque ele sempre foi do discurso, da palavra e da reflexão, para que os outros colocassem suas ideias em prática. Enfim, ele foi altamente criticado por várias pessoas, mas também muito elogiado, e conseguiu deixar marcas na Secretaria muito positivas, tanto que algumas delas ainda fazem parte do processo de formação. Pelo que esteja informada, ainda existem até hoje.

8. *Estamos no ano do Centenário de Paulo Freire, muitas comemorações, reflexões e homenagens mundo afora. Como que a família avalia e sente estas homenagens? Qual a recomendação sobre como Paulo Freire gostaria de ser homenageado?*

Vou parafrasear o Lut (Lutgardes), meu irmão, eu acho que ele foi super pertinente quando diz: “Querem homenagear, sejam vocês mesmos, recriem sua própria filosofia, sua própria metodologia ancorada nas ideias de Paulo Freire, mas que seja na sua visão, no seu desejo, no seu sonho”.

Para nós, enquanto família, é uma alegria, uma honra e uma satisfação muito grandes. “*Repare, é uma ironia arretada, né?*” Porque o “*danado*” precisou fazer 100

anos de nascimento, e, depois de morto, para ter um reconhecimento nacional, pois internacional ele sempre teve.

No Brasil, pouquíssimo! Pela primeira vez, em quase todos os estados, nos surpreendeu o reconhecimento interno. Eu brinco dizendo que o “*danado*” teve que morrer, esperar 100 anos, mas nunca é tarde. São propostas de eventos interessantes e eu ando com agenda lotada desde o início do ano, “tá” puxado, mas está valendo a pena ajudar e participar. Tenho conhecido gente bem interessante, como vocês, do Café com Paulo Freire.

Eu sempre acreditei, acredito mesmo, por exemplo, que a gente sabe mais da gente porque a gente se conhece mais pelo viés do outro, do que pelo nosso. Então a possibilidade que eu tenho nesse momento, enquanto filha, é de saber muito mais sobre o meu pai do que eu sabia, por informações de outros, pela influência que ele possa ter tido na vida dos outros. Para nós é uma honra e uma alegria muito grandes, e é a comprovação da atualidade do pensamento dele, é incrível, nesse sentido. Eu acho que ele, realmente, foi um visionário, e, como todo visionário precisa de um certo tempo para ser entendido, pois não o é de imediato.